

EL ESPACIO COMO CUERPO, EL CUERPO COMO ESPACIO. Un ensayo sobre formación

Eugênia Maria Dantas

eugeniadantas@yahoo.com.br

*Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Natal, RN, Brasil*

Recibido: 26/10/2018 **Aceptado:** 29/11/2018

Resumen

Las narrativas de lo humano, que también podemos denominar como narrativas de formación del cuerpo o sobre el cuerpo, transportan la noción de extensión de las cosas, de los seres, de los objetos, mostrando la intrínseca relación entre trayectorias y marcas espaciales. Sea como abrigo, obstáculo, o pasaje, el cuerpo se mueve en el espacio, aprende con él, se domestica. Experimente las diferentes texturas y ritmos. Este artículo tiene como propósito reflexionar sobre la dependencia espacio-cuerpo en el contexto de la formación, donde los límites del mundo se confunden con los límites del cuerpo y el cuerpo-mundo adquiere formas que delimitan lo técnico, mixturado, entremezclado, ajustado, adaptado, instruido. El *Sertão*, en ese contexto, emerge como espacio de formación, es su artificio, cuyos límites se exponen a la fluidez de las narrativas. Dicho y escritos confeccionan la región dando al lector la posibilidad de tomar los registros, seguir trayectorias y encontrar bifurcaciones formativas.

Autores como Gilles Deleuze (2002), Michel Serres (1993; 1997; 2003; 2004; 2011; 2015), Morin (1999; 2003; 2011), Bachelard (1993), Conceição Almeida (2017), Armand Fremont (1980) e Erick Dardel (2011) possibilitam situar a reflexão em campos teóricos e epistemológicos complexos, favorecendo a imersão que ultrapassa limites e borra as fronteiras geográficas. Hacem posible situar la reflexión en campos teóricos y epistemológicos complejos, favoreciendo la inmersión que traspasa límites y borras las fronteras geográficas.

Palabras Clave: Espacio, Cuerpo, Sertão, Formación.

O ESPAÇO COMO CORPO, O CORPO COMO ESPAÇO. Um ensaio sobre formação.

Resumo

As narrativas do humano, que também podemos denominar de narrativa de formação do corpo ou sobre o corpo, transporta a noção de extensão das coisas, dos seres, dos objetos, mostrando a intrínseca relação entre trajetórias e marcas espaciais. Seja como abrigo, obstáculo ou passagem, o corpo se movimenta no espaço, aprende com ele, domestica-se. Experimenta as diferentes texturas e ritmos. Este artigo tem por propósito refletir sobre a dependência espaço-corpo no contexto da formação, onde os limites do mundo se confundem com os limites do corpo e o corpo-mundo adquiere formas que delimitam o técnico, misturado, embaralhado, ajustado, adaptado, instruído. O *Sertão*, nesse contexto, emerge como espaço de formação, é o seu artificio, cujos limites se expõem a fluidez das narrativas. Ditos e escritos confeccionam a região dando ao leitor a possibilidade de tomar os registros, seguir trajetórias e encontrar bifurcações formativas. Autores como Gilles Deleuze (2002), Michel Serres (1993; 1997; 2003; 2004; 2011; 2015), Morin (1999; 2003; 2011), Bachelard (1993), Conceição Almeida (2017), Armand Fremont (1980) e Erick Dardel (2011) possibilitam situar a reflexão em campos teóricos e epistemológicos complexos, favorecendo a imersão que ultrapassa limites e borra as fronteiras geográficas.

Palavras-chave: Espaço. Corpo. Sertão. Formação.

**THE SPACE AS A BODY, THE BODY AS SPACE.
An essay on formation.**

Abstract

The narratives of the human, which can also be called the narrative of formation of the body or about the body, transports the notion of the extension of things, beings and objects, showing the intrinsic relationship between trajectories and spatial marks. Whether as a shelter, obstacle or passage, the body moves in space, learns from it, becomes domesticated and experiments with different textures and rhythms. The aim of this article is to reflect on the dependence space-body within the context of the formation of the human species. The limits of the world are confused and entangled with the limits of the body and the body-world acquires forms which delimit the technical, the mixed, the shuffled, the adjusted, the adapted, the instructed. In this context, the *Sertão* emerges as one of the spaces of formation; it is its artifice, whose limits expose the fluidity of the narratives. That which is said and written gives rise to that region, allowing the reader the possibility of taking notes, following trajectories and finding formative bifurcations. Authors like Gilles Deleuze (2002), Michel Serres (1993, 1997, 2003, 2004, 2011, 2015), Edgar Morin (1999, 2003, 2011), Gaston Bachelard (1993), Conceição Almeida (2017), Armand Fremont (1980) and Erick Dardel (2011) make it possible to place the reflection onto complex theoretical and epistemological fields, favoring an immersion which goes beyond limits and limitations, blurring geographical boundaries.

Key words: Space. Body. *Sertão*. Formation.

Espaço e corpo se mestiçam

Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. (Gilles Deleuze)

O espaço é um corpo que atua em diferentes escalas de vivências. Mais do que a aplicação de um conceito puro aprisionado a uma disciplina ou área de conhecimento, ele se “oferece a nós sob a forma de relações e posicionamentos”, como sugere Foucault (2001, p. 413).

Também como um corpo mestiçado às experiências, dobrado à razão, contaminado de imaginação ele se emenda por caminhos diversos, saturado de origens, situações e múltiplas existências. Como um espaço geométrico – mas não homogêneo, vazio ou neutro -, contém marcas, sentidos e singularidades das diferentes espécies que o tomam para elaborar, de modo persistente, a sua trajetória.

Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irreduzíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos. (FOUCAULT, 2001, p. 414).

A proposição do autor condiz com a noção de espacialidade horizontal, cruzamento de campos que se organizam a partir de práticas espaciais, posicionamentos e vizinhanças. Nesse espaço, as vidas que por aí passam têm “um horizonte, uma modelagem, cor, densidade. [...] é sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste”. (DARDEL, 2011, p. 2).

Esse espaço do qual trata Eric Dardel pode ser também aquele que inspira os “vivimentos” escritos por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. Riobaldo – personagem no livro – ao se reportar a importância das coisas relaciona a dimensão das experiências vividas, e, por isso, lida com o tempo fluando. O espaço em sua narrativa se esfumaça e se concretiza ao mesmo tempo, como se o seu pensamento coubesse e ultrapassasse o recorte geográfico, ou melhor, como se o limite geográfico pudesse transcender em sua linguagem e lembranças.

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros, acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que em real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela, hoje vejo que era como se fosse diferente pessoa. Sucedido, desgovernado. Assim, eu acho, assim é que eu conto. O senhor bondoso é de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto do que outras em recente data. O senhor nem sabe. (ROSA, 1982, p. 78)

Aos ensinamentos de Dardel e de Riobaldo, acrescentamos os apontamentos de Fernando Pessoa:

Em todo o momento da atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado da alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento de nossa percepção. (2016, p. 63):

As referências até aqui tratadas são ampliadas para o espaço vivido, discutido por Yi-fu-Tuan, como sendo o lugar das experiências. Para esse autor, o homem se volta para olhar o que está a sua frente. A Terra é o seu limite espacial.

O que nós vemos normalmente? Não vemos um espaço abstrato, mas um mundo totalmente familiar com objetos, signos e marcos que nos habilitam a contornar ou transpor os obstáculos diários com facilidade. O que vemos quando paramos? Por que paramos? É porque estamos perdidos? O que vemos são ruas, edifícios e cruzamentos, nos quais caminhamos com o intuito de nos identificarmos e nos localizarmos em nosso mapa mental e nos reorientarmos. Se paramos devido a um evento inesperado, vemos um edifício surgindo como fumaça distante, depois o que vemos é um espaço vazio, repousando na linha descolorida da visão fora de foco. Os acontecimentos da vida rotineira não requerem que prestemos atenção a categorias generalizadas de espaço e de tempo, assim como na rotina da vida cotidiana os objetos de uso diário escapam da nossa atenção. Só nos damos conta de um objeto familiar quando ele dificulta nossos propósitos: o lápis torna-se visível quando o grafite quebra. A

distância torna-se um fato quando prevemos a aproximação de uma tempestade. O tempo é uma ameaça fatal quando é curto, e uma presença marcante no pensamento quando o temos em excesso. (2011, p. 10).

Assim, o espaço é o “mundo vivido”, aquele pedaço entrelaçado em “ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo” (RELPH, 1979, p. 3). Esse “mundo vivido”, vasto de implicações objetivas e subjetivas, de sentidos e movimentos, de localização e deslocamento, de pausa e de movimento, de experiência e fuga, torna assertiva a noção de que o espaço se constrói como corpo experimentado e que, por sua vez, transborda em narrativas de formação. Gilles Deleuze expressa de forma singular que,

Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. (2002, p. 132),

Espaço-corpo, um campo rasurado pelas incertezas, tecido em trânsitos, desvios, afirmações, redundâncias e dúvidas está na fronteira, demarcado como uma camada do meio (depois do limite inicial e antes da desembocadura); lugar de passagem, poroso; por ele “[...]determinado ser vivo ou coisa entra, tranca-se, sai, transita, ataca, aguarda sem esperança... “[...] *entre, por e perante*” são preposições “que descrevem essa faixa intermediária” (SERRES, 2011, p. 61).

Em *Narrativas do Humanismo* (2015) Michel Serres reinterpreta uma interpretação da diáspora humana na superfície da Terra. Nessa narrativa de inacabamentos, desvios e imprecisões, que se estende por mais de 100 mil anos, ele descreve um grupo de africanos que decidiu abrir veredas rumo ao sol nascente. Esses “desertores” se espalharam e foram sendo paulatinamente “[...] esquecidos dos africanos que ficaram em suas terras; esquecidos da África, de seu berço comum, seus descendentes povoaram a Irlanda e o Japão, a Carélia e a Ilha de Páscoa” (SERRES, p. 15). Nesses outros espaços, esses aventureiros imemoriais tiveram que se reinventar, pois,

Nascidos nas terras infernais, sem mamíferos domesticáveis, sem gramíneas, onde só se comiam espinhos e insetos, eles aprenderam por conta própria que tinham deixado o paraíso perdido sem a esperança de um dia voltar. E eles se esquecem assim de como foram esquecidos (SERRES, 2015, p. 17-18).

Para o filósofo, “Vivemos quase todos como resultado dessa decisão” (idem, 2015, p. 15) e talvez por isso estamos quase sempre narrando trajetórias de repouso e deslocamento, expondo, de modo superlativo, que somos atacados pela determinação do contorno, da forma que se faz corpo. O corpo como tecido ambíguo e ambivalente da geometria da vida – seja esta humana ou não – se refaz no movimento aprisionado pelo gesto e pela penetração em fendas de esquecimento. Ele é, em certa medida, “uma caixa-preta às vezes entreaberta” (SERRES, 2004, p. 74).

As narrativas do humano, que também podemos denominar de narrativa de formação do corpo ou sobre o corpo, transporta a noção de extensão das coisas, dos seres, dos objetos, mostrando a intrínseca relação entre trajetórias e marcas espaciais. Seja como abrigo, obstáculo ou passagem, o corpo se movimenta no espaço, aprende com ele, domestica-se. Experimenta as diferentes texturas e ritmos. Pode ser lento, apressado, veloz, circular, retilíneo, angular e tropeçar. Ser leve, saltar, erguer os braços e tocar. O corpo a cada gesto ou movimento não pode se desfazer de sua dimensão corpórea, física, espacial e por isso “se desembaraça e se reduz” para poder aliviar o peso das inúmeras coisas que aprende a fazer e poder “engajar-se em novas aventuras” (SERRES, 2004, p. 112).

Abrigo e expulsão, limite e abertura, proteção e necrose, eis o corpo habitando o espaço. Pela habitação aprende os sentidos do repouso, imagina a potência do deslocamento e caminha, atravessa, sai, deserta. Deslocando-se daqui para acolá transita por zonas intermediárias, experimenta a invasão dos lugares, aprende sobre o corte como uma fenda se abrindo, exerce o esquecimento de si para se tingir do outro, suja com tintas de imaginação e de conhecimento os mantos que revestem as palavras e as coisas, os seres e os objetos, a incompletude e a incerteza da vida.

O habitar e o se deslocar tatuam o corpo ainda no ventre materno. O lugar criado para conter o fruto da fecundação - uma bolha com líquido viscoso - aconchega o feto no espaço hermeticamente fechado, de limites precisos, mas, paradoxalmente, em condições que permite ao ser abrigado estabelecer trocas com o exterior, movimentos, acomodações, sobrevivência. Por um tempo determinado esse saco que protege, que serve de abrigo, precisa desaparecer, tornar-se biodegradável. O saco de contenção se rompe e o corpo experimenta o frio. Não é por acaso que quando a criança nasce chora. Ao ser expulso do primeiro abrigo, o corpo sente,

aprende e esquece algumas vicissitudes da vida. Todos usufruem desse abrigo e experimentam a expulsão como a única condição para continuar existindo.

Uma casa imita o saco gestacional, com paredes que limitam o movimento do corpo, induz ao mergulho, ao esconderijo, aos lugares de refúgio; a mobília que orna o ambiente deixa o formato plástico da bolha e se reveste das arestas, planos e retas e ganha as formas das gavetas, dos armários, das mesas, estantes, escrivaninhas. Nestes objetos se escondem, muitas vezes, os utensílios de uma vida toda, e por isso, quando abertos, expulsam, necrosam, reviram os tecidos da alma. Vasculhadas e reviradas pelo avesso, as caixas guardam “mapas” que, em certa medida, abrigam as confidências, as mazelas e os desejos de alguém e pedem para ser queimadas, rasgadas, revisitadas ou alteradas para seguir novas rotas. As fotografias, outra forma de imitação, limitadas nos papéis de sua revelação, expõem e guardam segredos. A vida imitando corpos, corpos imitando a vida. Uma corporeidade se expande constituindo um reservatório inconsciente de recordações que, quanto mais dilatado, “menos ele pesa e mais se torna leve e aéreo em virtude das adaptações conquistadas” (SERRES, 2004, p. 76). [...] “o corpo imita, armazena e lembra [...]. O tempo fica gravado no espaço. O corpo do mundo desempenha o papel de memória”, sentencia Serres (2004, p. 76/77).

O corpo está no espaço e exige acomodação, mas se incomoda com os movimentos incertos da lembrança e do esquecimento e passa a se valer do espaço, ocupando com ele protagonismos. No espaço, o corpo concretiza movimentos que pode se assemelhar ao que Gaston Bachelard vai designar por ressonância-repercussão. Para esse filósofo da ciência “as ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência” (1993, p. 7). A vastidão espacial na qual a ressonância está implicada torna-se uma fronteira habitada pela comunhão e pela universalização, pela diversidade e pela singularidade das experiências. A singularidade na qual a repercussão está condicionada se destaca na multiplicidade como ser imaginante para fora e para dentro de sua unidade corpórea e, nesse jogo, recria trajetórias. O espaço nesse encontro ressonância-repercussão é a reelaboração das trajetórias imaginativas das experiências; é fronteira borrada pelas existências.

Os novos sentidos das palavras se fazem pela imaginação sobre o objeto, o que, numa confissão mais clara, Gaston Bachelard afirma:

Fiel aos nossos hábitos de filósofo das ciências, tínhamos tentado considerar as imagens fora de qualquer tentativa de interpretação pessoal. Pouco a pouco, esse

método, que tem a seu favor a prudência científica, pareceu-me insuficiente para fundar uma metafísica da imaginação (1993, p. 3).

O corpo aprende com o espaço, o espaço imita o corpo para ganhar aderência. Essa dependência corpo-espaço ou a “inseparabilidade” entre um e outro, diagnosticada por Felix Guattari (1992, p. 153), institui a condição primeira de acomodação existencial das espécies. Certamente que o trato do que está reservado à condição humana torna-se mais plástico, talvez mais decifrável ou quem sabe mais prescritivo, disciplinar, descritivo, compreensível, pois o *Homo sapiens* é a única espécie que cria extensores para o corpo ocupar outras formas. Essa espécie se torna homem, se humaniza por meio do corpo que se especializa, se educa, se instrui, se torna mundano.

No mundo o corpo se metamorfoseia em cuidados. Educado, transgredi a sua animalidade, humaniza-se. Este corpo humano doma a força física pela formação mas, contaminado pelo espaço como extensão, deseja sair, se deslocar. A Terra é o seu endereço; o mundo, pedaços da experiência que o instrui. Está nos trópicos ou nas terras frias. Subir a montanha ou cultivar na planície, navegar pelos rios ou habitar os vales, esconder-se nas grutas ou subir e descer em arranha-céus urbanos emolduram a unidade corpórea do mundo. O deslocamento torna-se uma pedagogia do corpo, sentença que se aproxima da ideia de Michel Serres (1993, p. 67) de que se aprende o que compreende, mas também o que não se compreende, exemplificando seu argumento assim: “Crianças, aprendei Homero e La Fontaine de cor – inabordáveis nas vossas idades, eles amadurecerão lentamente no centro de vossos corpos – e a matemática com discernimento” (1993, p. 67).

O corpo em deslocamento estende-se para o mundo e torna-se uno, múltiplo, prosa e subscrito por estratégias de semelhança e similitude. Esses dispositivos do pensamento são, segundo Michel Foucault, “figura estável, suficiente e autônoma” (2000, p. 10), que a época clássica substituiu pelo “lado a lado e cuidadosamente separados, o idêntico e o diferente”. (idem, 2000, p. 10).

Atualmente, o semelhante é tão alheio ao nosso saber, tão misturado aos jogos solitários da percepção, da imaginação e da linguagem, que facilmente esquecemos que ele tenha podido ser, e por muito tempo, uma forma de saber positivo. Figura autônoma, a similitude não tinha que confessar de que peças ou pedaços era feita secretamente; ela podia dar conta, pelos poderes que lhe eram próprios, da maneira pela qual o mundo estava ligado a ele mesmo: conhecer dava acesso a semelhança, e a semelhança permitia conhecer. [...] O mundo se enrolava sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos se refletindo nas estrelas e as ervas envolvendo em seus caules os segredos que serviam ao homem. (FOUCAULT, 2000, p. 11)

O afastamento desse modo de pensar, diagnosticada pelo filósofo-historiador francês, formatou a *episteme* no século XVI.

o mundo inteiro deve ser percorrido para que a mais ínfima das analogias seja justificada e apareça, enfim, como certa. Portanto, é um saber que poderá, que deverá proceder por acumulação infinita de confirmações, uma exigindo as outras. É por isso desde os seus fundamentos, esse saber será árido. A única forma de ligação possível entre os elementos do saber é a adição. Daí essa imensa coluna, daí sua monotonia (FOUCAULT, 2000, p. 25).

Se em parte os dispositivos de similitude e a semelhança padecem de um caráter pletórico e absolutamente pobre, como afirma em outras passagens o autor, estes mesmos operam com noções de localização, vizinhança, proximidade, lugar, distância que são imprescindíveis às narrativas do mundo, pois favorecem encontrar na superfície vestígios, marcas, palavras, coisas. Para Foucault, o saber daquele tempo não era insuficiente em sua estrutura, pelo contrário, revelava uma forma rigorosa de lidar com as formas discursivas que delimitavam o seu espaço. “É esse rigor, que impõe a relação entre magia e erudição” (FOUCAULT, 2000, p. 27), sendo as duas inerentes a maneira de conhecer. Daí que, os “limites do mundo” são criados no jogo do “signo e do similar e é por isso que a natureza e o verbo podem se entrecruzar infinitamente, formando para quem sabe ler um grande texto único” (idem, 2000, p. 29).

Os limites do mundo se confundem com os limites do corpo e o corpo-mundo adquire formas que delimitam o técnico, misturado, embaralhado, ajustado, adaptado, instruído. Em extensão, esse híbrido ganhou em vizinhança e aproximação, mas teria perdido em especialização? Ou a especialização não seria uma implicação desse mecanismo de extensão que trafega do dentro para o de fora e vice-versa, de maneira que a diferenciação resulta do contato e não do distanciamento? Daí por que a crítica à fragmentação do conhecimento não supõe, não requer, não deve advogar o fim das especialidades.

O Sertão como formação

Por isso acrescentamos às perguntas anteriores: a região é um recorte que expressa esse corpo-mundo misturado e especializado ao mesmo tempo? Existe uma região dentro de uma região? Até onde vai uma região? O Sertão como formação, o que a geografia tem a ver com tudo isso?

Na ciência geográfica autores se debruçaram largamente sobre a região situando-a em alguns momentos como objeto de estudo da geografia (Paul Vidal La Blache); outros, a

pensaram como caminho para a definição de um método próprio a análise geográfica (Richard Hartshorne), ou ainda como uma categoria para a análise espacial (Milton Santos, Antônio Carlos Robert Moraes). Esses esforços podem ser entendidos como combustíveis para o exercício de uma razão crítica, em que se sobressaem a negação de uma perspectiva frente a outra, sem, contudo, eliminar as margens ou resíduos que podem ser apropriados para ampliar as reflexões.

Do que se põe a margem queremos trazer a proposição de Armand Fremont (1980) para nortear, em parte, as proposições desse texto. Para esse geógrafo “os lugares existem”, e essa existência transforma a experiência espacial em “lugares vividos”. Por isso, as florestas são anunciadas, também, como encantadas, os bosques podem ser ditos como sagrados, os lares como aconchegantes. Esses exemplos servem para denotar que o espaço é um texto tecido entre homens, formas e imaginação, ou entre homens, formas, codificações e decodificações. Nessa elaboração uma estratégia circular e em espiral de interpretação e ressignificação se instaura tornando homem e espaço uma teia de interdependências, nem sempre rígidas, fixas ou mesmo permanentes. Essa ideia reitera, em parte, o que pensa Fremont sobre homens, lugares e região.

[...] os homens existem, também, unidos entre si por estruturas sociais cuja coerência foi sublimada. Mas entre os homens e os lugares, as relações não parecem duravelmente fixadas, seja porque as plantações pertencem a um passado próximo, seja porque as migrações continuam. Nessas condições, a região não pode de maneira nenhuma definir-se num espaço bem delimitado, tão nítido nos seus contornos quanto na sua duração. A região existe de fato, mas numa certa fluidez. Fluidez em ligação direta com a prevalente nas relações que unem os homens e os lugares. Fluidez, quer dizer o caráter daquilo que como um líquido, é facilmente deformável, móvel e cambiante, e deste modo, bastante difícil de captar (FREMONT, 1980, p. 169/170)

A região aqui tratada contém os contornos já feitos e outras possibilidades de matização; é um dispositivo não apenas físico e fixo, mas um espaço emergente, cujos traçados ratificam a fluidez definida por Fremont e os dispositivos de semelhança e similitude prescritos por Foucault (2000, p. 12). O Sertão se configura, nesse contexto, a região que desobedece ao sentido de *continuum* espacial e de limite rígido e se configura como um corpo-mundo imaginado estendido por *corpus* narrativo de formação.

Nessa tessitura, a máxima “O Sertão está em toda a parte”, anunciada por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, situa a região afastada dos limites e próxima das fronteiras das experiências que trafegam pelo corpo, pela terra, pela água, pelo ar. Aqui um alerta: longe de pretender reduzir a literatura a narrativa científica, estamos a construir um exercício *complexus*, em que a trama se faz a partir de

fios diferentes e se transformam em um só. Por outras palavras, tudo isso cruza e volta a se cruzar, se tece e volta a tecer, para formar a unidade da complexidade; mas a unidade do complexus não destrói a variedade nem a diversidade das complexidades que a teceram (MORIN, 1994, p. 146/7).

Nessas zonas de cruzamento apontadas por Edgar Morin se constituem a práxis de uma ciência nômade discutida na perspectiva de Conceição Almeida (2017), que insta a refletir sobre o Sertão a partir do contato com a literatura e a ciência, a experiência e a lembrança, a natureza e a cultura. Por isso a afirmação “O sertão está em toda parte” se apresenta como a síntese incompleta e incerta implicada na correnteza dos contatos e dos cruzamentos esboçados em sentido multidimensional e dialógico.

O desenho regional revela a existência refletida na geograficidade da imaginação e da materialidade, do empirismo e da racionalidade, alterando as condições de sua delimitação. O sertão, dessa perspectiva, é um estado de ser do espaço, aquele que combina força e precisão, leveza e determinação; cabe em uma linha, transborda em um parágrafo, mergulha nas experiências da carne e dos corpos; está em todo lugar, não é um contraponto ao litoral; é água ressecada, que penetra os poros da terra e se esconde nas entranhas dos rios submersos; é o vento que fala em uivos noturnos, carente de umidade, invadindo a garganta das rochas; é rocha dilatada que sobrevive as idas e vindas do sol que o queima durante o dia e o abandona a noite fria; é chão pisado por pés descalços, com unhas escurecidas pelas terras, e pelo sal que torna a vida uma probabilidade. O sertão é prisão! É invenção do ser para ser! É fronteira! É nomadismo! É fluidez! É (de)formação!

Encontramos essa região em qualquer parte; é uma região dentro de outras regiões. Ela não precisa de espaço próprio, cria o seu pedaço. Aqui o tempo passa, o Sertão fica passando. Ele é a vigília para um encontro com o esperado: a seca e o desejo de fartura que virá com a chuva. Entoada como um canto de espera, a água nesse espaço, se torna um som que vem para logo desaparecer; o verde reveste as folhas das árvores para caducar antes de crescer; o gado morre por toda parte, antes de engordar. A seca assombra e o sol é inclemente. As lembranças borradas pelas secas intermitentes tecem a antevisão de um sertão submetido ao ritmo da natureza e um imaginário que o aprisionará em teias tão finas e fortes quanto as tecidas pelas aranhas.

Eu não vou lhes falar do mundo alheio. Fico mesmo nos quatro aceiros do meu mundo, para lhe pôr a par do inverno que por aqui passou fraco demais ou antes, dizer das chuvas esparsas, caídas longe uma das outras, serenando apenas, às vezes de correr goteira, arrastando num canto e noutro não. (BEZERRA, 2004, p, 80)

Essa tessitura se faz na escrita de sertanejos que carregam a região como um escrito d'alma, semeando experiências, fazendo trafegar o tempo num ritmo que ultrapassa a cronologia dos anos ou a suposta sensatez que a ciência impôs a interpretação do mundo. O trecho da carta de Oswaldo que abre o livro *Outras Cartas dos Sertões do Seridó*, de Paulo Bezerra (2004), aparece aqui como um exemplo: “Recebi e agradeço as sementes de Craibeira que já estão sendo semeadas nas quebradas da Serra dos Macacos. Chegaram na hora. É que nessa força-da-lua e carregação no nascente o pássaro-goteira já anda ensaiando cantar”. Em outro trecho da carta lemos que ele busca saber notícias de outros lugares, já que no seu mundo as informações chegam com dificuldade. E nesse sentido Oswaldo prossegue:

Aqui raramente chega jornal. Daí eu lhe pergunto se continua a escrever através de Woden? Se não esbarro, vá juntando elas e, quando tiver coisas de 1/2 resma de folhas – cuide em uma Outras cartas. Já é tempo. A gente tem que deixar para esses “ponta-limpas” como era o nosso mundo. Deixar o rastro... Nesse Sertão oswaldiano deixar rastros significa evidenciar registros com alma, alma de sertanejo que lê o espaço, lendo a si mesmo (2004, p.5)

O Sertão é a região geográfica que se forma “no solo comum da humanidade” (MACÊDO, p. 284). Na busca incessante para encontrar a nossa origem nos deparamos com os hominídeos africanos, que deixando a cobertura das árvores se aventuraram pelas savanas. Nelas, esses desbravadores foram reelaborando as condições de sobrevivência, tornando-se um Sertão extenso que recobre a existência. Mas o Sertão se enraíza e se ramifica e, aí, se existencializa. Não cabendo mais em todas as partes, compartimentaliza-se, geograficaliza. Torna-se um pedaço de uma área de conhecimento, se normatiza. O Sertão dos sertanejos, de Oswaldo, Guimarães, das lembranças incompletas deitadas nas páginas de um diário, dos solos calcinados, das terras desbravadas, encontra uma fronteira geográfica ou um espaço em ressonância-repercussão. Sentir a região em extensão, vivê-la como marca, uma tatuagem que fere a pele.

É depois da repercussão que podemos experimentar as ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. Mas a imagem atingiu as profundezas antes de emocionar a superfície. E isso é verdade numa simples experiência de leitura (BACHELARD, 1993, p. 7).

Onde ele (Sertão) está e como se distribui é uma pergunta que reverbera como o refrão de uma canção, entoada pelos geógrafos. A sua localização, a sua cartografia se rende ao conteúdo movente que toca a sua caracterização. Essa região se torna imaginante para se desdobrar em cortes teóricos, epistemologizar-se.

Em artigo, Antônio Calos Robert Moraes (2012, p. 4) afirma:

O Sertão não se qualifica, do ponto de vista clássico da geografia, como um tipo empírico de lugar, isto é, ele não se define por características intrínsecas de sua composição ou arranjo de seus elementos numa paisagem típica. Não são as características do meio natural que lhe conferem originalidade, como o clima, o relevo, ou as formações vegetais. O sertão não é portanto, uma obra da natureza. Não há um espaço peculiar, cuja naturalidade própria, permita uma tipologização consistente da localização sertaneja (...) Muito menos, o sertão se qualifica pela intervenção das sociedades sobre a superfície da Terra. Não são as obras decorrentes da ação humana que individualizam tal espaço, dando-lhe uma qualificação própria pelo uso e transformação dos lugares.

Se a afirmação do geógrafo é pertinente, no âmbito de uma geografia clássica caberia suspeitar que o Sertão também não caberia no contexto de uma geografia renovada, porque, nesta, a região torna-se um exercício sem a fecundidade necessária, visto não permitir a representação contínua do espaço, considerando o fenômeno representado.

A região navega pelos espaços, criando trajetórias que resultam de circuitos complexos de afetos e produções, desgarrada de sua matriz clássica e rejeitada nos salões dessa geografia renovada. Nessa navegação de rotas imprecisas, o tempo e as distâncias se configuram desafios. Da zona confortável de um recorte fechado e de auto-subsistência (como foi interpretada em certa medida, a região pensada por Vidal de La Blache ?) a desconstrução de sua existência (de certa forma o que advogavam os geógrafos marxistas), passando pela região como espaço vivido (uma perspectiva fenomenológica, humanista) a região vive sua crise. Onde encontrar o Sertão como região?

No rol das definições temos num certo dicionário da língua portuguesa:

Sertão: 1. Região afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas. 2. A terra e a povoação do interior; o interior do país. 3. Toda região pouco povoada do interior, em especial a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos (ALMEIDA, 2013, p.266).

Em outro, citado por Fadel Filho, tem-se:

1.região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, afastado do litoral. 3. A terra e a povoação do interior; o interior do país. 4. Toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos (...) (2011, p.85).

Lemos, também, no dicionário de Geografia:

Sertão: região inculca, pouco habitada e afastada dos centros de povoação. Zona do interior do Nordeste brasileiro, caracterizada pelo clima muito seco e a vegetação semelhante à da caatinga. -Bruto. Sertão ou parte do sertão totalmente desabitada. – de Pedra. Designação que recebe a zona que se encontra além do vale do Ceará-mirim, devido ao solo apresentar-se, daí em diante, muito pedregoso. (MAGALHÃES, 1973, pp. 266-267)

Na tentativa de fazer uma leitura desse recorte geográfico impreciso que é o Sertão, Antônio Filho (2011), rastreia o seu significado e dá algumas pistas. Na investigação o Sertão aparece atrelado a alguns aspectos destacados nas definições anteriores. No âmbito da geografia, segundo esse autor,

[...] o sertão no Brasil corresponde à vastíssima zona interiorana, que começou a ser penetrada ainda no Século XVI, logo depois da chegada dos colonizadores, quando as fazendas de gado foram separadas das fazendas agrícolas, particularmente na Região Nordeste. Enquanto a produção agrícola, principalmente a cana-de-açúcar, ficava basicamente restrita à faixa litorânea, a criação de gado se estendia para as remotas paragens do interior do continente. A restrição a sua marcha era somente os cursos d'água mais caudalosos ou as serranias mais formidáveis (FADEL FILHO, 2011, p. 85).

O Sertão definido como porção interiorana, afastado dos centros e submetido a paisagem (em que predominam as condições físico-ambientais) vai sendo transportado e reconfigurado em diferentes discursos. Nestes, a ideia de região é tramada a partir dos afloramentos das lembranças e das relações entre a materialidade e a imaterialidade que rege a construção de uma certa narrativa da memória regional.

A região é uma erupção fenomênica, uma superfície que se espraia sem que as fronteiras possam ser a zona confortável para o desenho cartográfico. Euclides da Cunha, no relato sobre a Guerra de Canudos, exporta imagens desse Sertão descrevendo-o esplendoroso, exuberante e confinado. O detalhamento feito pelo jornalista parece carregar de espanto e êxtase a forma geográfica encontrada; ela é soberana, e como tal silencia a dúvida sobre o Sertão.

[...] uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regímen torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça — dispondo-se em cenários em que ressalta predominante, o aspecto atormentado das paisagens. Porque o que estas denunciam — no enterroado do chão, no dismantelo dos cerros quase desnudos, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constrito das gargantas e no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos — é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas. De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas: e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunge, abrindo-as segundo os planos de menor resistência. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam estas reações demoradas. As forças que trabalham a terra atacam-na na contextura íntima e na superfície sem intervalos na ação

demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região.¹

Nessa textura discursiva de 1902, escrita há mais de um século, a narrativa euclidiana conduz o Sertão para fora; impele-o em direção ao outro; imprime uma (re)existência. Dos “confins do mundo” para o centro econômico do Brasil, a geografia regional de “Os Sertões” faz migrar um campo visual imagético que se refaz em um contar incessante.

Então, aquele que está do lado de lá do Sertão atravessa suas veredas ritmado pela narrativa exaustiva que serpenteia uma estepe nua, ditada por Euclides. Quem por ela avança tem a vista um

[...] horizonte largo e a perspectiva das planuras francas. Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante.²

Neste Sertão a natureza se deixa revelar como avessa à proximidade do estrangeiro, que a encara como um desafio à sobrevivência. O jornalista enxerga a paisagem como um espetáculo que o aprisiona a um regime de visibilidade, que se impõe independente da sua vontade. Atravessar o Sertão é operar nesse regime. Por isso passa a descrever em minúcias a natureza que encontra em abundância e relata o visto como se ali estivesse desvendando a região.

A narrativa se processa, nesse regime de visibilidade, a partir do enlace região/sobrevivência. Aqui o embate, o desafio, a (re)existência é uma imposição que está na própria natureza e no homem. Euclides vê no cenário encontrado uma formação espacial onde o homem se conjuga à natureza, sendo dela quase um reflexo ou extensão. Em sua sintaxe, o sertanejo imiscuído na paisagem espinhenta, se afigura tenaz e inflexível, determinado e dependente, dentro do quadro que torna homogênea não só a forma física, mas também a humana. “A semelhança prescreve vizinhanças, que por sua vez, asseguram semelhanças” (FOUCAULT, 2000, p. 12), tornando as narrações de Euclides um texto de formação que prescreve para a região imagens de isolamento, sofrimento, dureza, brutalidade, hostilidade, sem

¹<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em 27/07/2018.

²<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em 27/07/2018.

acolhimento ou emoção. “Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o Nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos...”³ Assim, a região transportada se reveste de mentalidade regional e vaza para todos os lados.

A região na obra de Euclides da Cunha adquire tanta força que se incorpora à realidade como uma estrutura de pensar o homem, a cultura, a técnica; torna-se uma de suas verdades. Por ela o Sertão se corporifica por outros meios que são, simultaneamente, uma experiência vivida, mas também uma narrativa que influencia a experiência a ser vivida. Dessa perspectiva, a região vai se instaurando para além dos limites físicos e se abstraindo nas condições objetivas do dito sobre o visto e sobre o vivido.

Graciliano Ramos em *Vidas Secas* é outro exemplo desse complexo texto de formação. Aqui, o escritor alagoano de nascimento, descreve um desses Sertões como um pedaço do Nordeste; uma região em que a extensão do corpo é a extensão da paisagem e vice-versa. Lento, repousado, esperançoso, Fabiano e sua prole (personagens do enredo) seguem seus destinos tendo por companhia um Sertão físico e em devir; um espaço tirano de esperanças; um ambiente que desalinha a vista quando se mira o horizonte. Fabiano, desamparado, trilha as veredas desse Sertão com um corpo quebrantado pela “febre” de sol. Na descrição a seguir, as cores da natureza, que variam em vermelho, cinza e verde, enverga o corpo do retirante, intimando-o a seguir.

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas, como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala. Os retirantes deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram a ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra. Fabiano (...) olhou o céu de novo. Os cirros acumulavam-se, a lua surgiu, grande e branca. Certamente ia chover. A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro. Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito.... Será que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia... (fragmentos do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos).⁴

Em uma região afogada em imagens, o que imaginar? Por onde trafegar? A arte parecer seguir nos trilhos de uma sertania que tende à tirania das cores, das ideias, das experiências. Uma região-fronteira que se constrói em imagens e se expande pelos ventos que sopram agora

³<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em 27/07/2018.

⁴http://www.portalentretextos.com.br/download/livros-online/vidas_secas.pdf. Acesso em 30/08/2018.

do Sul para Norte. Vindos nesse sopro aparecem refugiados nessa trama imagética *Os Retirantes* de Cândido Portinari. Nesse quadro o olhar dos retratados se enche do vazio, da desesperança, do desamparo. A arte-denúncia coloca corpos em renúncia de si e da região. Aqui o sertanejo retirante caminha em direção ao seu fim. Mas o quadro seria uma encenação do fim da região? Parece que não! O quadro expõe uma estética do sertanejo tecendo com outros registros espectros que assombram as experiências sertanejas. Pintar os retirantes se constitui uma ressonância imagética que coloca a terra como elemento que fica para trás, mas ao mesmo tempo impregna os corpos, tornando o deslocamento uma lembrança convalidada pela forma esquelética dos corpos e ressecada pela desidratação. Nessa viagem sem fim, a região é uma ressonância espacial que se expande e se faz repercutir em tensões, imaginações, recriações, (re)existências ou negação desse mesmo ensaio.

Mais uma vez as ideias de Gaston Bachelard se apresentam como um eco aqui. Diz ele que a arte quando se torna autônoma pode se constituir um novo ponto de partida. Sentencia o autor: “Por princípio, a fenomenologia liquida um passado e encara a novidade” (BACHELARD, 1993, 16). Essa premissa fenomenológica instaura a aceitação de que se não podemos abdicar da ressonância, que carrega em parte as lembranças e, portanto, nos levam a repetição, devemos aceitar a repercussão como a possibilidade de fazer transbordar fagulhas de esperança, e assim brotar do mesmo o novo? Do real, a imaginação? Do concreto, o abstrato? Da experiência, a invenção? O que seria a região nesse contexto: a combinação dessas fagulhas em doses diversas?

O princípio de autonomia anunciado por Bachelard (1993) parece ser um dos alimentos estéticos que conduz o senso de observação de Francisco Lucas da Silva sobre o Sertão. Situado na região do Vale do Açu, no Rio Grande do Norte (Brasil), ele registra por meio de repetidas observações o ritmo do espaço determinado pelo ritmo da natureza. A sua narrativa regional se abre aos diálogos profícuos com a pesquisadora Conceição Almeida, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que deseja compreender os operadores que impulsionam a necessidade de conhecer dos humanos. A ciência, nesse enredo, se constitui um registro das ressonâncias a procura de doses de repercussão, o que pode ser entendido a partir das sistematizações da complexidade, realizada por ela, uma estratégia de retroalimentação entre os saberes da tradição e os saberes científicos.

Francisco Lucas da Silva com os seus experimentos e coletas de rochas cria hipóteses, estabelece comparações, elabora sínteses revestindo a natureza das leituras que impregnam um intelectual da tradição. A formação desse intelectual está determinada pelos ritmos da natureza que lhe fornece pistas, vestígios, lembranças deixando entrever que para conhecer é preciso aprender a tornar potente a vigília, a cautela e o rigor do pensamento (ALMEIDA, 2017, p. 115). Afirma Francisco Lucas que “a natureza ensina”, mas somente a decodifica aqueles que modelam a observação com procedimentos minuciosos, olhares aquilinos, repetições a exaustão, sínteses que combinam sem reduzir campos distintos da matéria. O físico, o humano e o cultural podem transitar de um campo para outro, sendo esse trânsito a condição para criar correspondências, analogias, simetrias, dissimetrias, metáforas que expressam escalas, níveis e organizações diversas do conhecimento.

No laboratório de Francisco Lucas o meio em que vive é o campo para experimentação dessas ideias. Assim, um fenômeno está inserido num contexto em que as relações entre os elementos condicionam o campo de decifração, de predição, mas também de incertezas. A falta de algum elemento ou sua insuficiência compromete a explicação já que o observador é dependente daquilo que dispõe para experimentar e a partir disso poder afirmar. As ideias ressoam a dependência que se estabelece entre o observador e meio observado.

Observar os ritmos da natureza, descrevendo-os como exercício da memória que se alicerçou a partir dos acordes da própria vida, torna o espaço repercussão, um mergulho e uma emersão, a invenção da narrativa sertaneja a partir de outros critérios. Aqui Francisco Lucas narra com a autoridade de quem vive com o corpo os cheiros, os barulhos, as presenças dos animais; ele não é um retirante; a região não lhe pesa nos ombros; antes ela é o cenário para a montagem do seu repertório imaginativo concreto. A objetividade do dito na subjetividade do vivido se instaura de maneira que Francisco Lucas não vive no limite, mas na fronteira do experimentado. O seu deslocamento nega em parte os retratados na pintura de Portinari, e torna potente a paisagem espinhenta que incomoda Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.

Uma tal estratégia de conhecimento se alicerça em operações do pensamento “baseado em homologias que interconectam propriedades e atributos advindos de domínios e ordens existentes” (ALMEIDA, 2017, p. 114). O intelectual da tradição, segundo Almeida, opera nesse registro, formatando um texto sustentado pela premissa de que “tudo que o homem descobre a natureza já inventou há muito tempo” (SILVA, apud ALMEIDA, p,73). A esse leitor do mundo

cabe criar hipóteses e descrever aquilo que lhe chega por meio de plantas, animais, rochas, rios, temperaturas, chuvas. A natureza informa e o intelectual se alimenta dessa “co-dependência entre pensamento e meio ambiente” (ALMEIDA, 2017, p. 127).

Com Chico Lucas a região se faz laboratório, por isso a natureza não é algoz, mas fonte de um conhecimento que forma uma cabeça bem-feita, o que

significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: – uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; – princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido (MORIN, 2003, p. 21).

Na direção de uma formação que se faz na relação homem-natureza os saberes da tradição são uma reserva antropológica contemporânea que pode nutrir práticas existenciais capazes de “cultivar (e não cultivar) a diversidade como princípio maior”, reduzindo ou mesmo dificultando atitudes mercadológicas “que insistem em transformar a diversidade cultural em moedas exóticas e ofertas de saberes para todos os gostos” (ALMEIDA, ano?, p. 5).

O corpus inacabado

O comprometimento do ser no espaço vivido constrói sistemas de representação, estejam estes vinculados a interpretações mais próximas de uma ciência da tradição, estejam estes mais afeitos a regras metodológicas de uma ciência moderna. Assim, Conceição Almeida desafia a pensar que:

[...] para construir sistemas de representação, teorias explicativas e modelos de compreensão do mundo, são necessários tempo, repetidas observações, permanência das referências. A astronomia, a física e a biologia não teriam se constituído em áreas do conhecimento científico se o céu de um determinado lugar, numa determinada hora do dia fosse sempre diferente; se a queda dos corpos obedecesse apenas, uma vez ou outra, a força da atração da gravidade da Terra; se os processos de fecundação, divisão celular e fotossíntese se apresentassem de maneira absolutamente aleatória e incerta. (2010, p. 136).

A essa dose de repetição que caracteriza a construção de qualquer conhecimento está relacionada as recorrentes incertezas trazidas, dentre outras perspectivas, pela condição espacial da existência, que se desloca, flutua, tece e urde um “Atlas da vida” (SERRES, 1997, p. 39). Como ler esse “Atlas”? Bem sabemos que todo livro dessa natureza contém uma variedade de temas e que para ser entendido deve ser confeccionado como uma legenda; ela é uma orientação para seu entendimento.

O Sertão desse “Atlas” contém desenhos de contorno deformável, cambiante e móvel porque resultado de reescritos feitos com tintas da realidade imaginada, fisicamente sentida,

objetivamente elaborada. De modo análogo ao que sistematiza Serres sobre a narrativa do humanismo e as ligações ancestrais com os africanos, essa região parece ter sido um pedaço desse tempo-espaço esquecido que ganhou contorno a partir do dito, do sentido, do vivido e sendo assim, a sua cartografia são ressonâncias-repercussões que vêm de diferentes pontos. Nas legendas dos seus mapas-desenhos podemos identificar as estratégias de semelhança e similitude, de repercussão e ressonância, de vizinhança entre tradição e ciência, conceito e arte, imaginação e objetivação. Esses itens contornam os ditos e escritos que confeccionam a região como narrativa de formação, dando ao leitor a possibilidade de tomar os registros, seguir trajetórias e encontrar bifurcações. A região é artifício de formação. A sua descrição é formação.

Guiado por essa legenda, o leitor encontra ditos e escritos, lembranças e esquecimentos, narrativas imprecisas que merecem ser reescritas. Dessa forma, o “Atlas” nunca está pronto, mas em elaboração. Escreve o filósofo:

Muito tempo se passara, cuja contagem é tão árdua quando a do esquecimento. Você sabe: só existe o que é dito. Nem você, nem eu, nem ninguém existe sem a narrativa de nossa existência, mesmo no cotidiano; é necessário contar-se para nascer; mesmo uma coisa é preciso narrá-la para que ela ocorra (SERRES, 2015, p. 33).

A narrativa desse artigo é uma versão do esquecimento-lembrança a que todo espaço está submetido, porque está imerso no corpo-mundo das especializações avizinhas pelos deslocamentos. É a trama do conceito situado na dimensão do todo e da parte, do caos e do acontecimento, do fora e o de dentro. O Sertão, nessa perspectiva, é um enunciado que penetra nos poros dos sertanejos por que foi por ele instruído, educado, deformado. O fora e dentro é uma dobra, uma fronteira de contatos, um *acontecimento*, nos termos discutidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000). Aqui queremos finalizar os nossos argumentos, dizendo que o Sertão está em toda parte e nos espanta! Educa! Forma!

Referências

- ALMEIDA, M.M.S. *Mini dicionário livre da língua Portuguesa*. São Paulo: Hedra, 2013.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. 2ª ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. Pensamento do Sul como reserva antropológica. In: MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição de.(Org) *Os sete Saberes necessários à Educação do presente: por uma educação transformadora*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- BEZERRA, Paulo. *Outras cartas dos sertões do Seridó*. Natal: [s.n.]. 2004.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. In: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em 27/08/2018.
- DARDEL, Eric. *O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* (Trad. Prado Júnior e Alberto Munhoz). Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- FADEL FILHO, David Antônio. Sobre a palavra “sertão: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). *Revista Ciência Geográfica, Bauru. Volume XV: Janeiro/Dezembro*, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura, pintura, música e cinema*. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução, Inês Autran Dourado). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FREMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. (Trad. Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Claudia Leão.) São Paulo: Editora 34, 2000.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MACEDO, Adailson Tavares de. ABC dos sertões. ALMEIDA, Maria da Conceição de; KNOBB, Margarida; ALMEIDA, Ângela Maria de. (Org.). *Polifônicas ideias: por uma ciência aberta*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- MAGALHÃES, A. *Dicionário de Geografia*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- MORAES, Antônio Carlos Robert. O Sertão: o “outro” geográfico. In: *Terra Brasilis* (Nova Série). Janeiro de 2003.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. *O método 5. A humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Lisboa: publicações Europa-américa, 1999.
- PESSOA, Fernando Pessoa. *Obra poética de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Volume 1).
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. In: http://www.portalentretextos.com.br/download/livros-online/vidas_secas.pdf. Acesso em 30/08/2018.
- RELPH, Edward. As Bases fenomenológicas da Geografia. *GEOGRAFIA. Vol.4, n.7*, abril de 1979, p. 1-25.
- SERRES, Michel. *Atlas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. (Trad. Maria Ignez Duque Estrada). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SERRES, Michel. *Narrativas do humanismo*. (Trad. Caio Meira). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SERRES, Michel. *O mal limpo: poluir para se apropriar?* (Trad. Jorge Bastos). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. (Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo e lugar: um arcabouço humanista. *Revista Geograficidade*. Rio de Janeiro, v.01; n. 01, 2011.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Autora:

Eugênia Maria Dantas

Doutora em educação, professora dos programas de pós-graduação (acadêmico e profissional) em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

eugeniadantas@yahoo.com.br